

Desenvolvimento da TV em Juiz de Fora: um olhar sobre a TV Alterosa

Lívia Maia Caldeira Arantes(FACOM-UFJF)¹

Resumo: Surgida na década de 1950, a TV conquistou um espaço de destaque no Brasil, onde se tornou a principal fonte de informação para a maioria da população. A proposta deste trabalho é relacionar o desenvolvimento da Televisão no Brasil à evolução das emissoras televisivas em Juiz de Fora/MG, primeira cidade do interior brasileiro a contar com uma estação geradora, na década de 1960. A proposta é analisar de que forma as tendências nacionais de transmissão e programação jornalísticas influenciam a produção televisiva local. Parte de um projeto de pesquisa mais amplo, essas reflexões têm como objeto de estudo privilegiado as alterações realizadas no telejornal “Jornal da Alterosa/Edição Regional”, veiculado em uma emissora afiliada da TV Alterosa, pertencente ao grupo associado.

Palavras-chave: História da televisão; Telejornalismo local; Identidade regional

Introdução

Juiz de Fora é a primeira cidade do interior do Brasil a ter uma estação geradora de sinais de TV. Em 29 de Julho de 1964, inaugurava-se a TV Industrial, fruto de uma aposta da iniciativa privada.

A história que se seguiu a partir daí tem várias semelhanças com o cenário televisivo nacional: a dificuldade em produzir programação regional, a tendência de adoção do modelo de redes e a criação de associações de grupos de mídia.

O presente trabalho pretende elaborar um histórico das emissoras de TVs abertas de Juiz de Fora, traçando um paralelo entre o local e o nacional e, assim, identificar as semelhanças e tendências deste cenário. A proposta é analisar de que forma as tendências nacionais de transmissão e programação jornalísticas influenciam a produção televisiva local. Essas reflexões têm como objeto de estudo privilegiado as alterações realizadas no telejornal “Jornal da Alterosa/Edição Regional”, veiculado em uma emissora afiliada da TV Alterosa, pertencente ao grupo associado.

Algumas informações sobre a região de Juiz de Fora

Situada na Zona da Mata de Minas Gerais, Juiz de Fora foi fundada em 1850 e é uma das cidades brasileiras com melhores índices de qualidade de vida e investimentos, tem um PIB per capita de R\$ 6,2 mil e uma das mais altas expectativas de vida do Brasil. Estrategicamente, localizada entre os maiores mercados consumidores do País (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) também se destaca no ranking de desenvolvimento humano da Organização das Nações Unidas, a ONU (Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal, acesso em 28 de Junho de 2005).

¹ Aluna do quarto período do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFJF. Bolsista de Iniciação Científica (BIC-UFJF), participa do projeto “Dramaturgia do telejornalismo regional: a notícia nas emissoras de TV de Juiz de Fora, atividade realizada junto ao grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania (CNPq) e integra o Núcleo Zona da Mata e Vertentes da Rede Alfredo de Carvalho (liviamai@gmail.com).

O Golpe Militar de 1964, liderado por generais do exército com o apoio de empresários por todo o país para depor o então presidente João Goulart, partiu de Juiz de Fora, sob o comando do general Olympio Mourão Filho. Desde então a visibilidade nacional da cidade foi aumentando e despertando, portanto, o interesse comercial das grandes emissoras de TV. As concessões de canais de TV para Juiz de Fora acompanharam as medidas tomadas por esse regime.

A Escola Superior de Guerra, cujas doutrinas de segurança e desenvolvimento se expandiu por todo campo de atuação do governo, foi criada e dirigida por um pequeno grupo de militares brasileiros com o objetivo de preparar civis e militares a fim de que pudessem desempenhar funções executivas ou de assessoria na formulação, desenvolvimento, planejamento ou execução de políticas nacionais (MATTOS, 2002, p. 28). Um dos objetivos dizia respeito ao campo psicossocial da nação: promover o fortalecimento e o interesse nacional pelos valores espirituais, morais e cívicos da Nação – integração nacional, integridade territorial, preservação dos valores morais e espirituais da nação e a paz social. Para tanto, utilizava-se dos sistemas de comunicação social para disseminar a informação e formar cidadãos (MATTOS, 2002, p. 30). O governo militar prezava pelo desenvolvimento econômico do país através do estímulo à indústria nacional e à urbanização. Com isso, houve queda nas taxas de juros e a criação do crédito direto ao consumidor, o que possibilitou um maior poder de compra do brasileiro. Só no ano de 1968, a venda de televisores aumentou 48% em relação ao ano anterior (SODRÉ, 1977, 174).

O televisor, tido por muitos historiadores como o meio de comunicação síntese do século XX por reunir em “formato doméstico” as possibilidades do rádio e do cinema, veículos já bastante populares quando surgia a nova mídia, foi visto pelos ocupantes do Estado em governos autoritários, como um meio de comunicação que proporcionava bastante retorno, para controle e dominação sociais. Os investimentos governamentais foram assim além dos esforços por liberação de concessões de novas frequências de transmissão, chegando ao campo do financiamento direto das programações, por meio da inserção e pagamento de anúncios publicitários nas emissoras de TV nacionais. O controle do conteúdo programático por meio da relação de dependência da cota publicitária das empresas estatais é outro aspecto ainda atual nas emissoras brasileiras que, até os dias atuais, tem o governo federal como responsável por grande parte dos recursos obtidos com a venda de anúncios. Isso significa que o governo pode influenciar tanto no conteúdo veiculado quanto na forma de produção da programação, por meio de pressões econômicas e ainda do controle legal das emissões.

Se o crescimento da televisão brasileira foi direta e indiretamente influenciado pelo desenvolvimento econômico do país, em Juiz de fora não foi diferente. A criação das primeiras emissoras de TV se deu num momento de aceleração da urbanização e do crescimento dos investimentos na cidade, uma vez que o Golpe de 1964 deu visibilidade nacional ao município. Além disso, a imprensa de Juiz de Fora sempre foi muito ativa. O primeiro impresso, com o nome "O Imparcial", data de 1870. Um dos jornais impressos de maior destaque, “O Pharol”, acompanhou diversos momentos históricos e sempre contribuiu para a formação da opinião pública, retratando a atividade cultural da cidade. O dinamismo da imprensa juizforana era tão intenso que, no século XIX, contou com 55 jornais (Disponível em <http://www.juizdefora.mg.gov.br>, acesso em 01 de Julho de 2005). Isto reforça a demanda por noticiários, principalmente num meio tão moderno e versátil quanto a TV, que estava se fortalecendo no Brasil naquela época.

O cenário era propício à formação e à informação, tendo em vista que a Universidade Federal de Juiz de Fora havia sido criada no governo do presidente Juscelino Kubitschek, em 1960. Fato que não deixa de contribuir também para o consumo, já que atraiu e empregou milhares de estudantes.

A seguir apresentamos um breve histórico das TV de Juiz de Fora, procurando atentar para os fatos mais relevantes que envolveram a formação do cenário televisivo juizforano atual.

TV Industrial

O empresário Sérgio Vieira Mendes e seus filhos Gudesteu e Geraldo – que eram proprietários das rádios Industrial e Difusora, também com sede em Juiz de Fora – já idealizavam a fundação da TV Industrial em 1962, ano de criação da TV Alterosa na capital mineira. A intenção era construir uma emissora de TV que tivesse o foco voltado para Juiz de Fora e região.

A concessão foi estudada pelo Contel (Conselho Nacional de Telecomunicações) e aprovada pelo ex-presidente João Goulart em 22 de Janeiro de 1963. Em 29 de Julho de 1964, inaugurava-se a 1ª estação geradora de sinais de TV do interior do país. A sede ficava no Morro do Imperador, lugar bastante apropriado devido a sua altitude e infra-estrutura, num terreno doado pela prefeitura de Juiz de Fora.

Funcionários do Rio de Janeiro foram contratados para ensinar as técnicas de utilização dos equipamentos. Para focalizar o local, naquela época, 80% da programação era produzida dentro dos estúdios da TV Industrial e o restante era reservado para projeção de filmes. A programação dava ênfase a programas educativos, jornalísticos e de auditório – que eram transmitidos, em sua maioria, ao vivo. Isto fazia com que o público, principalmente o mais simples, se identificasse muito com a emissora.

Em 1980, porém, a Rede Globo adquire a TV Industrial, que passa a retransmitir o sinal da Globo. A programação local a partir daí se restringia a alguns minutos diários nos tele-jornais. O público, passada a ilusão de que o local iria ganhar mais destaque no nacional, contentou-se com o fato de haver uma grande emissora na cidade. Segundo o ex-diretor Geraldo Mendes, os motivos que o levaram a vender a emissora foram financeiros.

Com a globalização, surgiu uma certa necessidade de se valorizar o local. E foi nesse sentido que, em 1998, aconteceu a mudança do nome da TV Globo de Juiz de Fora para TV Panorama. O slogan da época era: “TV Panorama: o espelho da comunidade”. Essa mudança foi muito desgastante, porque era preciso convencer o público que a TV Globo não “estava indo embora” da cidade. A regionalização trouxe também mais espaço para comerciais – foi criada a área de Marketing dentro da TV – e para a população – com os projetos Esporte XXI, Amigos da Escola, etc.

Quanto ao jornalismo, o tempo de transmissão aumentou de 15 para 50 minutos diários. O MGTV primeira e segunda edição passaram a ser produzidos nos estúdios de Juiz de Fora e abriu-se espaço para programas como Panorama Revista e Panorama Esporte. O tempo de transmissão aumentou, mas a essência não mudou muito:

Sempre houve uma preocupação com o factual e a notícia. O que mudou foi a duração das jornais e é claro que junto com isso, mais informação no ar, e, sem dúvida a comunidade ganhou mais voz. Mais recentemente, as matérias policiais ganharam mais atenção (Rita Penna e Regina Gaio, editoras da TV Panorama, apud PIVARI, 2003, p. 127).

TV Educativa

O sinal da TV Educativa vem do Rio de Janeiro e chega na cidade desde 31 de maio de 1981 e fica a cargo da Fundação Educacional Pio XII retransmitir as imagens. O proprietário, Josino Aragão, é um dos grandes nomes da área de comunicação e educação em Juiz de Fora, possuindo também a Rádio Globo (AM-910), o Diário Regional e foi o fundador da TV Tiradentes (atual TV Alterosa).

A TV Educativa de Juiz de Fora conta hoje com apenas um programa produzido localmente, o Mesa de Debates, exibido diariamente, que discute temas sob a mediação de Josino Aragão.

TV Tiradentes

Primeiramente, a TV Tiradentes iria funcionar como simples repetidora da extinta TV Manchete. No entanto, a concessão do canal 10, aonde funcionaria a TV Tiradentes, ainda não estava aprovada por problemas políticos. Nesse meio tempo, a TV Manchete ganhou a concessão do canal dois, mas mesmo depois da extinção da TV Manchete, que foi comprada pela Rede TV, a cidade ainda não ganhou uma emissora para este canal.

Foi em 1990 que tiveram início as atividades da TV Tiradentes, que possuía as mesmas pretensões de regionalização da TV Industrial. A Josino Aragão se juntou Domingos Frias – que era proprietário de uma emissora de TV em Campos (RJ) – na criação de diversos programas e dois telejornais.

O público se identificava com os programas de auditório, mas por divergências internas, muitos programas foram extintos e a TV Tiradentes passou a ser afiliada da Rede Record. No final de 1999, a emissora foi comprada pela TV Alterosa, de Belo Horizonte, que é retransmissora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

A direção que assumiu o comando da TV se encarregou de imprimir a marca da TV Alterosa no telejornalismo de Juiz de Fora: priorizou o local, com matérias de segurança pública e de prestação de serviço, e exibiu vts ágeis e em plano seqüência.

... este é o nosso forte e nos tornamos referência nestes assuntos. Procuramos unir agilidade com sensibilidade. Os vts de bairro são outro exemplo do estilo ‘Alterosa de ser’. Em vez de mostrar um problema e cobrar providências, de explorar o lado cômico ou trágico do assunto, fazer o telespectador pensar ‘e se fosse comigo?’ (Michele Pacheco, repórter da TV Alterosa - Juiz de Fora, apud PIVARI, 2003, p. 152).

Paralelo entre o desenvolvimento da TV em nível nacional e local

As semelhanças que envolvem a história da TV no Brasil e em Juiz de Fora estão baseadas em três quesitos básicos: a dificuldade em garantir uma programação regional, o modelo de redes e a associação de grupos de mídia.

A produção de um programa de televisão envolve muitas pessoas e serviços diferentes, bem como um equipamento adequado. Tudo isso exige um investimento inicial e manutenção constante. Quando as emissoras de TV deram sua partida inicial, na década de 60 em todo o Brasil, era muito comum que um programa inteiro

fosse patrocinado por um único anunciante. O acordo das organizações Globo com o grupo americano Time-Life trouxe para o Brasil a inovação dos intervalos comerciais, o que proporcionou uma produção em larga escala. Os intervalos comerciais permitiam que, num mesmo programa, vários anunciantes pudessem investir propaganda e com isso, podiam fazer um investimento menor. Ou seja, eles não precisavam patrocinar um programa inteiro e ainda assim conseguiam visibilidade para sua marca, seu produto.

No final desta década, a Globo já era a emissora mais rica do país, mas esta é uma questão que virá mais à frente. Agora importa atentarmos para o fato de que produzir TV, e não apenas transmitir, era muito complicado, principalmente pela falta de investimentos em publicidade.

A publicidade principalmente nas pequenas emissoras era escassa, já que elas atingiam um público menor. Os primeiros programas produzidos nas emissoras de pequeno porte, como as de Juiz de Fora, eram essencialmente tele-jornais e programas de auditório, programas que tinham baixo custo de produção e eram bastante populares.

Com o crescimento e fortalecimento de algumas emissoras, como a TV Globo, por exemplo, instalou-se no país um modelo de redes que se tornou hegemônico até o presente dia. Esse fortalecimento também proporcionou a instalação de *lobbies* no governo. Foi assim, por exemplo, que a Rede Globo conseguiu, durante o governo militar, com a criação da Embratel, o seu próprio satélite. Esse modelo contaminou a maioria das emissoras do país, inclusive as de Juiz de Fora, que uma a uma foram se afiliando aos grandes grupos.

A TV Industrial foi comprada pela Rede Globo em 1980 e passou a se chamar TV Panorama. A TV Tiradentes afiliou-se à belo-horizontina TV Alterosa em 1999, que por sua vez é afiliada ao SBT. A TV Educativa de Juiz de Fora já nasceu uma associada à TVE do Rio de Janeiro.

Essa filiação a grandes empresas televisivas facilitou a instauração de associações de mídia: um mesmo empresário ou grupo empresarial possui jornal e revista impressos, estação de rádio e TV, sítios na internet, etc. Outra tendência que Juiz de Fora acompanhou.

Josino Aragão, proprietário da TV Educativa de Juiz de Fora é também o dono do jornal impresso Diário Regional e da Rádio Globo. O Grupo Solar possui o jornal impresso Tribuna de Minas, a Rádio Solar, a TV Alterosa e o sítio Tribuna de Minas Digit@l. E as Organizações Panorama possui o sítio Ipanorama, o impresso Jornal Panorama, a Rádio e a TV Panorama.

Um olhar sobre o Jornal da Alterosa

Em 2004, a TV Alterosa de Juiz de Fora comemorou cinco anos de filiação à emissora belo-horizontina. Parte dessa comemoração foi a reformulação do layout do Jornal da Alterosa, um tele-jornal diário que vai ao ar às 11h55.

As cores usadas anteriormente eram azul e vermelho. Cores fortes e bem definidas. A cor usada hoje é o laranja, que é mais *light*, por assim dizer. O selo anterior do jornal tinha um fundo escuro e conferia um caráter um pouco pesado ao jornal.

A abertura também foi alterada. Antes, as imagens que são mostradas surgiam do fundo e agora, a impressão é de que a câmera passeia por elas, que estão dispostas em ladrilhos ao longo do caminho. E o layout dos ladrilhos continua no cenário e na arte gráfica da previsão do tempo.

O cenário hoje, laranja, é formado por ladrilhos e o selo do jornal não tem um fundo, o que suaviza bastante o visual. O selo antigo era escuro e o cenário, formado por placas e canos metálicos.

Além disso, o telejornal ganhou outra equipe de reportagem com a contratação do repórter Garcia Júnior. Essa medida desafogou um pouco a repórter Michele Pacheco, que se encarregava de fazer a maioria das matérias. Com a chegada de Garcia, a apresentadora e produtora do jornal, Olívia Freitas, também se limitou mais à apresentação, deixando de exercer um pouco o papel de repórter de rua, diminuindo sua exposição no vídeo.

A norma formatação do visual do tele-jornal é, em suma, bem leve e sóbrio. Não há mais a exposição demasiada de apenas um ou dois repórteres e o ambiente laranja trouxe ao ambiente um ar menos carregado.

Conclusão

Desde 1962, Juiz de Fora emite sinais de TV. Através da história, que, por sinal, se repete, várias tentativas de criar uma TV estritamente local/regional foram frustradas por motivos diversos. Os grandes nomes nacionais “entraram na briga” e, como já era esperado, ganharam.

A cidade então acompanhou o esquema de produção televisiva e, de certa maneira, de produção jornalística brasileiras. A influência do cenário nacional envolveu de tal modo a produção local, que hoje, ela limita-se a telejornais diários e alguns programas semanais. O que confere um caráter bastante jornalístico às produções locais. O modelo hegemônico de redes que se instalou no Brasil, a exemplo do que acontece fora do país, terminou por alargar, por assim dizer, a produção local através da tecnologia e do capital investido.

É importante ressaltar, por outro lado, o pioneirismo de Juiz de Fora como primeira cidade do interior de Minas Gerais a comportar uma estação geradora de sinais televisivos. Além disso, as TVs juizforanas surgiram não por iniciativa de capital do governo, mas de uma aposta de empresários locais nesse meio que se expandia na década de sessenta e veio a se tornar o mais promissor do século XX.

Referências

- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira* – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PIVARI, Renata Brum. *MGTV e JA* – Telejornalismo em duas versões. Juiz de Fora: UFJF, 2003.
- PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Disponível em <http://www.juizdefora.mg.gov.br>. Acesso em 01 de Julho de 2005.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- WIKIPEDIA – *A enciclopédia livre*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal. Acesso em 28 de Junho de 2005.